

TRAGÉDIA NA COLÔMBIA

Santa Maria chora com a Chapecoense

Acidente fez cidade reviver a dor da perda no incêndio da Kiss

PEDRO PAVAN E
JOÃO PEDRO LAMAS

A flechada que o Índio Condá se acostumou a dar nos adversários atingiu em cheio o coração dos amantes do esporte. E o golpe foi sentido em escala mundial. Em Santa Maria, cidade da Kiss, a dor ainda latente de 2013 voltou com força. Não há quem não tenha lembrado daquela madrugada de 27 de janeiro. Reflexo da dor nacional, o prefeito José Farret decretou luto oficial de três dias e transferiu programações na cidade (leia mais na página 13).

Quem acompanha o futebol e viaja com o seu time do coração, coloca-se no lugar dos outros. Também em função da tragédia da Kiss, entendemos a dor que eles sentem – lamenta



22/11/2013



Há três anos, a ascensão da Chapecoense foi manchete no Diário. O

tou Felipe Pereira, integrante da torcida Geral do Grêmio, que colocou faixas de homenagem à Chape no Viaduto Evandro Behr na tarde de ontem.

As lágrimas que caem no município de pouco mais de 209 mil habitantes do oeste catarinense também são derramadas por aqui. Entre os 71 mortos, cinco tiveram ou têm alguma ligação com a região (veja abaixo).

E das lições que aprendemos com o time de Chapecó – que saiu da Série D à Série A em seis anos –, servem como exemplo a organização, o planejamento e uma comunidade extremamente engajada com o clube. Em 22 de novembro de 2013, o Diário publicou uma reportagem em que mostra os motivos pelos quais o Davi virou um dos 20 Golias do futebol brasileiro, motivando pe-

Fisioterapeuta trabalhou aqui

O ex-professor de Fisioterapia do Centro Universitário Franciscano (Unifra) Rafael Corrêa Gobbato, 33 anos, é uma das vítimas. Gobbato é natural de Porto Alegre e mudou-se para Santa Maria em 2012 para dar aula na Unifra. Desde aquele ano, acumulou funções no Riograndense Futebol Clube até chegar à posição de vice-presidente, em 2015, durante a gestão de Lisete Frohlich.

Em Santa Maria, trabalhou junto do médico Marcio Rubin em um consultório de ortopedia e fisioterapia, além de ser sócio-proprietário do Centro Integrado em Reabilitação e Exercício (Cire). O ex-professor deixou a cidade para trabalhar como fisioterapeuta-chefe da Associação Chapecoense de Futebol, razão pela qual estava no avião com destino à capital da Colômbia.

Gobbato era noivo da professora da Unifra Vivian da Pieve Antunes. Há 20 dias, Gobbato esteve na Unifra, onde palestrou durante o Simpósio de Fisioterapia Esportiva, oportunidade em que pôde reencontrar alunos e professores que conviveram com ele entre 2012 e a metade de 2015.



NA ARENA CONDÁ

De acordo com a assessoria de comunicação da Unifra, as aulas do curso de Fisioterapia da instituição foram suspensas ontem como forma de luto pela morte do ex-professor. No final da tarde, foi realizada uma celebração religiosa na Capela São Francisco de Assis, no Conjunto 3 da instituição (esquina das ruas Silva Jardim e Duque de Caxias), em memória a todas as

vítimas do acidente.

– Foi meu professor, meu orientador, meu mentor. Era um cara apaixonado pela fisioterapia. Sempre rindo e de bem com a vida. Amava tudo o que fazia. É triste demais. Ele estava em um grande clube, onde todos gostavam dele. Vai fazer falta para a gente. Foi um profissional exemplar – disse o fisioterapeuta Cláudio Marquezan, que foi aluno de

Jornalista com ligação na região

O jornalista Douglas Boelter Dorneles, 36 anos, que tinha familiares na cidade e em São Pedro do Sul, também morreu no acidente. Natural de Porto Alegre, teria só nascido na Capital e, depois, veio para a Região Central, de acordo com familiares. Formado em Chapecó, conforme Eliane Marques de Moraes, prima de Douglas, ele começou a trabalhar na assessoria de imprensa da Chapecoense há cerca de quatro anos. Atualmente, era setorista da Chapecoense na Rádio Chapecó.

– Ele sempre vinha a Santiago.

As visitas eram frequentes. No ano passado, morreu o pai dele. Para que a mãe não ficasse sozinha, ela se mudou para Chapecó. Agora, toda a família está indo para Santa Catarina para que ela não fique sozinha. Ela deve ir para Colômbia – conta Eliane.

Dorneles se casaria em março de 2017 com a também jornalista Adriana Florianovitz. O repórter esportivo chegou a publicar no Twitter, pouco antes da viagem a Medellín, sobre o voo. A última publicação foi uma foto de dentro do avião.

TWITTER, REPRODUÇÃO



REPÓRTER ESPORTIVO

Com passagem pelo Sanga

Dois integrantes da comissão técnica da Chapecoense que morreram no acidente da Colômbia tiveram passagem por São Gabriel. Ex-volante no clube gabrielense, Eduardo Luiz Preuss, o Cadu Gaúcho, 36 anos, natural de Venâncio Aires, era gerente de futebol

na Chape. Já o supervisor Emersson Fabio Di Domenico, o Chinho di Domenico, 45 anos, natural de Chapecó, foi preparador físico do São Gabriel nas temporadas 2005 e 2006, quando a agremiação gabrielense ainda se chamava São Gabriel Futebol Clube.

Dirigente era de Tupanciretã

Um dos dirigentes da Chapecoense mortos no acidente aéreo na Colômbia era natural de Tupanciretã. Décio Sebastião Burtet Filho, 41 anos, morava em Santa Catarina há 22 anos. Em 1994, Décio saiu do município para trabalhar em um banco em Chapecó. Anos mais tarde, montou uma franquia de uma loja de calçados e, atualmente, tinha uma empresa de assessoria. Era o diretor comercial da Chapecoense.

– Ele ajudou a fazer todo o planejamento da equipe desde 2009 (ainda na Série D). Era um trabalho voluntário – relembra Marcelo Burtet, irmão de Décio.

Décio deixa a mulher, Denise, e um casal de filhos, de 4 e 8 anos.

– Ele tinha uma preocupação



DA DIRETORIA

Décio Burtet Filho era diretor enorme com a família. Fica a dedicação dele e o quanto ele se envolveu pela comunidade de Chapecó. Tinha um orgulho imenso